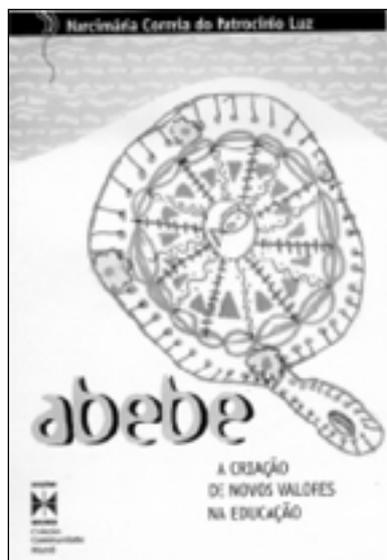


ABEBE (A CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES NA EDUCAÇÃO)

Pedro Benjamin Garcia
Doutor em Antropologia

Professor e diretor do Laboratório do Imaginário Social e Educação (Lise)
da Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro



LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. *Abebe (a criação de novos valores na educação)*. Salvador: SECNEB, 2000. 140 p.

O livro de Narcimária Correia do Patrocínio Luz parte de uma cosmovisão religiosa. O próprio título é emblemático: *Abebe*, “paramento que representa os poderes de Oxum, orixá que detém o mistério da gestação, fertilidade, riqueza, realização e expansão”.

A autora, de corpo inteiro com suas crenças, vai nos falar de um universo em que o olhar religioso perpassa todo o conhecimento. Neste contexto chama a atenção para o significado semântico de religião, cujo radical latino, *re-ligare*, indica partilha de conhecimentos, sentimentos e paixões. Partilha que, recalcada pela escrita e pelo logocentrismo oriundos do Ocidente, acaba não ocorrendo.

Na busca do *re-ligare* Narcimária recria um universo em que poesia e oralidade estão presentes, em que o corpo, liberto da estrita relação olho/cérebro, vibra com todos os seus sentidos, readquirindo a sua inteireza. Ou, como diz a autora, em uma bela imagem: é necessário que o corpo saia da inércia e vibre no ritmo do cosmo.

A proposta da “criação de novos valores na educação”, subtítulo de *Abebe*, está alicerçada em uma experiência realizada em um terreiro de Salvador. Trata-se da minicomunidade Oba Biyi, criada em abril de 1978. Esta escola, que abrigava crianças entre 3 e 13 anos, buscava criar uma linguagem pedagógica alternativa para alunos das comunidades negras discriminados na escola oficial.

A frase de Mãe Aninha: “De anel no dedo e aos pés de Xangô”, que serve de epígrafe à terceira parte de *Abebe*, ilustra – de forma sintética e precisa – este projeto educativo. De anel no dedo significa a busca de um lugar digno em uma sociedade racialmente discriminatória; aos pés de Xangô é a identidade que se preserva. O desafio está lançado. Em uma sociedade racialmente discriminatória é possível uma relação igualitária sem que este movimento implique em perda de identidade? A educação pode contribuir para este objetivo?

Estas são algumas das questões que – em tempos de multiculturalismo – tornam *Abebe* um livro indispensável.